

Pão com fiambre

Charles Bukowski

Pão com fiambre

Tradução de Manuel A. Domingos

ALFAGUARA



Para todos os pais

A primeira coisa de que me lembro é estar debaixo de alguma coisa. Era uma mesa, eu via as pernas da mesa, as pernas das pessoas e um pedaço da toalha da mesa que pendia. Estava escuro ali, gostava de estar ali. Deve ter sido na Alemanha. Devia ter entre um e dois anos. Foi em 1922. Sentia-me bem debaixo da mesa. Ninguém parecia saber que eu estava ali. A luz do sol passava através da toalha e das pernas das pessoas. Gostava da luz do sol. As pernas das pessoas não eram tão interessantes como a toalha que pendia, como as pernas da mesa, como a luz do sol.

Depois foi o vazio... e depois uma árvore de Natal. Velas. Ornamentos: pássaros com ramos de azevinho nos bicos. Uma estrela. Duas pessoas grandes a discutir, a gritar. Pessoas a comer, pessoas sempre a comer. Eu também comia. A colher estava dobrada de maneira a pegar nela com a minha mão direita quando queria comer. Se lhe pegasse com a mão esquerda, a colher afastava-se da boca. Queria pegar na colher com a mão esquerda.

Duas pessoas: uma grande com cabelo encaracolado, nariz grande, boca grande, sobrancelhas fartas; parecia estar sempre zangada, quase sempre a gritar; a pequena sempre em silêncio, rosto redondo, pálido, com olhos grandes. Eu tinha medo das duas. Às vezes havia uma terceira, uma gorda que usava vestidos com laços na garganta. Usava um grande alfinete e tinha muitos sinais na cara com pequenos pêlos a crescerem. «Emily» era como lhe chamavam. Estas pessoas não pareciam felizes juntas.

A Emily era a avó, a mãe do meu pai. O meu pai chamava-se «Henry». A minha mãe chamava-se «Katherine». Nunca me dirigi a eles pelo nome próprio. O meu nome era «Henry, Jr.». Estas pessoas falavam alemão a maior parte do tempo e ao princípio eu também.

A primeira coisa que me lembro de ouvir à minha avó foi: «Vou enterrar-vos a *todos!*» A primeira vez que o disse foi antes de começarmos a comer, e voltaria a dizê-lo ainda muitas vezes, sempre antes de começarmos a comer. Comer parecia ser algo de muito importante. Comíamos puré de batata com molho de carne, especialmente aos domingos. Também comíamos carne assada, *knockwurst* e *sauerkraut*¹, feijão-verde, ruibarbo, cenouras, espinafres, ervilhas, frango, almôndegas e esparguete, às vezes misturado com raviólis; havia cebolas cozidas, espargos, e todos os domingos havia tarte de morango com gelado de baunilha. Ao pequeno-almoço comíamos torradas e salsichas, ou então panquecas ou *waffles* com *bacon* e ovos mexidos a acompanhar. E havia sempre café. Mas do que me lembro mais é do puré de batata com molho de carne e de a minha avó Emily dizer: «Vou enterrar-vos a *todos!*»

Depois de irmos para a América, ela visitava-nos frequentemente, apanhava o eléctrico de Pasadena para Los Angeles. Só íamos vê-la ocasionalmente, no nosso *Ford Modelo-T*.

Gostava da casa da minha avó. Era uma casa pequena sob os ramos de uma pimenteira. A Emily tinha todos os seus canários em gaiolas diferentes. Lembro-me particularmente de uma visita. Nessa noite foi tapar todas as gaiolas com uns panos brancos para que os pássaros pudessem dormir. As pessoas estavam sentadas em cadeiras e conversavam. Havia um piano e eu estava sentado ao piano

¹ *Knockwurst* é uma salsicha alemã encorpada, de sabor forte, pequena e cozida; *sauerkraut* é uma conserva de repolho fermentado. (*N. do T.*)

e tocava nas teclas e ouvia os sons enquanto as pessoas falavam. Gostava mais do som das teclas onde mal se ouve o som delas — o som que faziam era como pedaços de gelo a baterem uns nos outros.

— Podes parar com isso? — disse o meu pai a gritar.

— Deixa o miúdo tocar piano — disse a minha avó.

A minha mãe sorriu.

— Aquele miúdo — disse a minha avó —, quando uma vez o tirei do berço para lhe dar um beijo, deu-me um murro no nariz!

Continuaram a falar durante mais algum tempo e eu continuei a tocar piano.

— Porque é que não mandas afinar aquela coisa? — perguntou o meu pai.

Depois disseram-me que íamos visitar o meu avô. O meu avô e a minha avó não viviam juntos. Foi-me dito que o meu avô era um homem mau, que cheirava mal da boca.

— Porque é que cheira mal da boca?

Não responderam.

— Porque é que cheira mal da boca?

— Porque bebe.

Entrámos para o *Modelo T* e fomos ver o meu avô Leonard. Quando chegámos, ele estava no alpendre de casa. Era velho, mas mantinha-se muito direito. Tinha sido oficial do exército na Alemanha e tinha vindo para a América quando ouviu dizer que as ruas eram pavimentadas a ouro. Não eram, por isso ficou chefe de uma empresa de construção.

As outras pessoas não saíram do carro. O meu avô acenou-me com a mão. Alguém me abriu a porta, saí e fui ter com ele. O cabelo dele era branco, comprido e a barba era branca e comprida, e quando me aproximei vi que os olhos eram brilhantes, como duas luzes azuis a observarem-me. Parei não muito longe dele.

— Henry — disse —, eu e tu, nós conhecemo-nos. Chega aqui.

Esticou a mão. À medida que me aproximava comecei a sentir o mau hálito. Era bastante mau, mas era o homem mais bonito que alguma vez tinha visto e não tive medo dele.

Entrei em casa. Puxou-me uma cadeira.

— Senta-te, por favor. Estou muito contente por te ver.

Fomos para outra divisão. Depois apareceu com uma caixa pequena de lata.

— É para ti. Abre-a.

Tive problemas com a tampa, não conseguia abrir a caixa.

— Espera — disse ele —, deixa cá ver isso.

Desapertou um pouco a tampa e deu-me a caixa outra vez. Levantei a tampa e estava lá uma cruz, uma cruz alemã com um laço.

— Não, oh não — disse eu —, fique com ela.

— É tua — disse ele —, é uma medalha sem importância.

— Obrigado.

— Adeus, Henry. Não, espera...

Parei. Levou os dedos ao bolso pequeno das calças e tirou uma corrente de ouro comprida. Depois entregou-me o seu relógio de bolso em ouro, com a corrente.

— Obrigado, avô...

Estavam à minha espera lá fora no *Modelo-T* e fomos embora. Falaram de muitas coisas enquanto fazíamos a viagem. Estavam sempre a tagarelar e falaram durante todo o caminho até à casa da minha avó. Falavam de muitas coisas, mas nunca, nem uma única vez, do meu avô.